

REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA IDENTIDADE ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Wilson José Alves Pedro*

As transformações de uns seres em outros, de umas espécies em outras, correspondem em termos gerais ao grande simbolismo da imersão, mas também ao sentido essencial da diferença entre um indistinto primigênio e o mundo da manifestação. Tudo pode se transformar em tudo porque nada é realmente nada. A manutenção é outra coisa. Essa metamorfose em sentido ascendente afasta as aparências do movimento da roda das transformações e dirige-as pelo caminho da irradiação, para o “motor imóvel” do centro inespacial e intemporal.

Cirlot (1984)

Compreender a identidade humana tem sido um empreendimento priorizado em minha trajetória acadêmica e profissional. Desde minha inserção nos estudos pós-graduados em Psicologia Social, minhas reflexões têm priorizado a categoria referida, na perspectiva desenvolvida por Ciampa (1977, 1993). Já no decurso de meus estudos, em nível de doutoramento, preoquei-me também em perscrutar outros aportes teóricos, que subsidiassem a ampliação dos estudos da categoria identidade. Desde então, constato a emergência da interdisciplinaridade em vários contextos acadêmicos e profissionais.

Através de um exercício investigativo, que pressupõe a revisão e a construção de aportes teóricos que permitam a compreensão de um objeto de estudo complexo – a construção da identidade humana; tem sido preciso pautar-me num campo de conhecimentos interdisciplinares que possibilite a

*Doutor em Psicologia Social (PUC/SP). Professor Universitário nas áreas de Psicologia Social e Gestão de Pessoas (Uniará/Unaerp). Coordenador do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Administração – Gestão de Recursos Humanos da Uniará. Pesquisador dos Grupos: Multidisciplinar em Gestão das Organizações (Uniará) e Psicologia Social e Trabalho (Uniará). Membro do Núcleo de Pesquisa em Identidade “José Roberto Malufe” (PUC/SP) e do Grupo Políticas e Práticas em Saúde (UFSCar). E-mail: wilsonjosealvespedro@ig.com.br.

compreensão da identidade humana, suas transformações, bem como suas possibilidades de emancipação. Em meus estudos, tenho procurado conexões e interfaces desta categoria, articulando-a com outros aportes teóricos da sociologia do conhecimento, da psicologia social, da filosofia, dentre outros. Dentre eles, vale mencionar as contribuições da Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo psicólogo social francês Serge Moscovici; do Psicodrama, desenvolvido por Jacob Levi Moreno; o pensamento fenomenológico de Heidegger e Husserl; o pensamento humanismo de Carl Rogers, alimentando um processo de busca de explicações acadêmicas, profissionais e pessoais.

No particular aos estudos empíricos sobre identidade, implica resgatar as atividades e a consciência do sujeito, o movimento e a dialética da definição de si mesmo, investigar identidade - “**Quem sou eu?**”, “**Quem somos nós?**” - implica enveredar pela pluralidade das cosmovisões de sujeitos, o pensar, o sentir, o agir humano (individual e coletivo), as ideologias; a fim de captar as representações e significações do seu “estar no mundo”. Implica, portanto, na realização um exercício investigativo – argumentativo e dialógico, teórico e metodológico. A complexidade do fenômeno-objeto de estudo demanda um posicionamento interdisciplinar. Hoje, muito do que se produz academicamente pelas Ciências Humanas e Sociais aponta nesta tendência. A Psicologia Social brasileira se insere e caminha nesta perspectiva. Sua dinâmica histórica e seus avanços teóricos e metodológicos referendam esta tese.

Desde os estudos preliminares sobre identidade, Ciampa (1977, p.4) afirmou que: “parece correto, então, concluir que a Psicologia Social se desenvolve a partir da necessidade de explicar o comportamento social desde o momento em que a sociedade foi se tornando mais complexa e heterogênea, ao mesmo tempo em que foi mutável: de qualquer forma, o que se quer explicar é como relacionar o indivíduo sociedade”.

Esta preocupação continua sendo assinalada por Robert Farr (1998) quando, ao rever as raízes da psicologia social da era moderna, constata que, desde a virada do século XIX para o século XX, alguns dos principais expoentes das ciências humanas e sociais escreveram sobre o individual e o coletivo: Sigmund Freud, George Herbert Mead, Émile Durkheim, dentre outros (FARR, 1998, p.61). Embora pudessem apreciar a significação de ambos os projetos, poucos conseguiram estabelecer seu inter-relacionamento. A individuação das ciências humanas e sociais ao longo do século XX reproduziu a antinomia indivíduo e sociedade, dificultando a construção de epistemologias capazes de compreender o humano nas suas especificidades, bem como na sua totalidade. Isto me permite questionar se a interdisciplinariedade não teria sido uma preocupação emergente no pensamento científico moderno, e que por suas características diversas e plurais não teria sido descartada pelas

incompatibilidades modelo científico disciplinar positivista, hegemônico ao final do século XIX e meados do século XX. É certamente um exercício necessário que emerge da proposta de estudos interdisciplinares, e que pretendo retomá-la oportunamente em outros estudos.

No que diz respeito à preocupação central da Psicologia Social, afirma Ciampa (1977, p.19) que a pergunta básica com que a Psicologia Social contemporânea tem se defrontado consiste em “*como relacionar o indivíduo e a sociedade?*”. Tem-se, portanto, que, apesar de todo o empenho dos Cientistas Sociais, esta questão tem se mantido atual, desafiante e instigadora. Num mundo em constantes e aceleradas mudanças, paradoxalmente, o econômico, o tecnológico e o saber instrumental são hiper-valorizados, em detrimento do humano, que é banalizado, pelo descaso e indiferença.

Na proposta por Ciampa (1977, p.19), a atualidade e a emergência da preocupação com a relação individual-social no âmbito da Psicologia Social permanece, pois há que se considerar “*que ambos relacionam-se dialeticamente, derivando dessa relação o fenômeno da identidade*”. É nesta perspectiva que proponho avançar os estudos sobre identidade, um conceito revitalizado nas discussões da Psicologia Social contemporânea e que movimenta uma fundamentação interdisciplinar. Muitas são as possibilidades. Neste artigo, minha proposta é realizar uma aproximação das contribuições de autores contemporâneos: Woodward (2000) e Souza Santos (1996).

Woodward (2000, p.15-19), ao refletir sobre “*porque o conceito de identidade é importante*”, afirma que é preciso examinar as preocupações contemporâneas com as questões da identidade em diferentes níveis: “Na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais ‘local’, existem preocupações com a identidade pessoal como, por exemplo, com as relações pessoais e com a política sexual. Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir uma “crise de identidade”.

Kathryn Woodward é Professora da Open University e publicou “Identity and difference”. Tem argumentado que tais questões são hoje centrais na teoria social e prática política, pois está em desenvolvimento uma política de identidade no chamado “cenário pós-moderno”, a partir da crise – família, trabalho, igreja e a ascensão de novos grupos culturais. Nesta perspectiva, discute aspectos teórico-conceituais da identidade, tendo por referência as questões iugoslava e os conflitos entre sérvios e croatas.

Avança Woodward (2000, p.16), questionando: “Em que medida o que está acontecendo hoje no mundo sustenta o argumento de que existe uma crise de identidade e o que significa fazer uma tal afirmação? Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e os processos que estão aí

envolvidos. Implica também perguntar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluídas e cambiantes”. O que propomos refletir converge com o que enuncia Woodward: como as identidades são formadas e quais processos são aí envolvidos?

Ao introduzir a preocupação com a identidade, enquanto questão teórica do ponto de vista da psicologia social, Ciampa já delimitara sua proposta de análise, propondo focar um ponto-chave de reflexão: a tensão entre o individual e o coletivo, enquanto questão científica, social e política para a psicologia social. Para Ciampa (1993, p.12): “Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida-no-amaranhado-das-relações-sociais. A identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim deve ser vista, não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política.”

Tem-se, portanto, que a perspectiva proposta à psicologia social transcende ao acadêmico e sugere uma práxis, ou seja, a busca de criar condições indispensáveis à existência humana.

Entendo ser esta uma análise fundamental para a compreensão das metamorfoses humanas. Analisar significados objetivos e subjetivos de universos humanos, construídos social e historicamente, implica trilhar veredas permeadas pelo senso comum e pelas ideologias, expressos na subjetividade e objetivados na relação homem-mundo.

Compreender o processo de construção da identidade e o mundo vivido, bem como a dinâmica do relacionamento intra e interpessoal, insere-nos em um quadro teórico maior. Woodward (2000) aponta importantes aspectos da identidade e da diferença que carecem de preocupação nos estudos de identidade. A fim de contextualização e delimitação, tomo um amplo quadro teórico esboçado pela autora, e que deve estar contemplado hoje enquanto preocupações nos estudos de identidade. Afirma Woodward (2000, p.13-14):

1. Precisamos de contextualizações. Para compreendermos como a identidade funciona, precisamos conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões.

2. Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável.

3. Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza: por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável.

4. A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados).

5. A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais, porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais. Por exemplo, o cigarro marca distinções que estão presentes nas relações sociais entre sérvios e croatas.

6. O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido às práticas e às relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações são “vivas” nas relações sociais.

7. A conceitualização da identidade envolve exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas; por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição – “nós e eles”, “sérvios e croatas”.

8. Algumas diferenciações são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas, por exemplo, a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero.

9. As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas, por exemplo, o miliciano sérvio parece estar envolvido em uma difícil negociação ao dizer que os sérvios e os croatas são os mesmos e, ao mesmo tempo, fundamentalmente diferentes. Pode haver discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual, tais como as que podem surgir entre as demandas coletivas da identidade nacional sérvia e as experiências cotidianas que os sérvios partilham com os croatas.

10. Precisamos, ainda, explicar, por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos de identidade lhe oferecem? O nível psíquico de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas.

O rol acima enunciado é resultante de reflexões que visam subsidiar estudos sobre identidade nacional - um campo bastante específico dentro dos estudos da identidade. Nutrimos o projeto de analisar/compreender a identidade-metamorfose humana, inspirados na busca de conceitualizações que contemplem a dialética entre o psicológico, o social e o simbólico.

A amplitude e a complexidade de trilhar por tais veredas, bem como da emergência de novos paradigmas científicos que nos propiciem melhor apreensão de nosso objeto de estudos, são preocupações constantes.

Convencido estou dos caminhos apontados por Sousa Santos (1996, p.37), sobre a emergência de novos paradigmas científicos capazes de contemplar as especificidades e os horizontes das ciências humanas e sociais: “sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)”.

Nesta busca, alimentamos o nosso pensar. Sousa Santos adverte que hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Afirma ser necessário uma “outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (Sousa Santos, 1996, p.53).

Defendo que, ao estudar identidade, é preciso uma proposta científica que, ao mesmo tempo, seja social e política. Reflexivos, críticos e dialógicos, os estudos sobre identidade propõem uma outra forma de conhecimento psicossocial, de busca e construção de um projeto mais amplo de alternativas em direção da emancipação humana.

A relação sujeito-objeto - condição epistemológica da ciência – repercute reciprocamente na condição existencial do cientista-pesquisador da identidade, contribuindo para e consolidando o sentido também apontado por Sousa Santos (1996, p.58): “se todo conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento”.

No atual estágio dos estudos da identidade (Ciampa, 1998, 1999; Pedro, 2005), apresentar algumas das apropriações e usos do termo identidade pelas ciências humanas e sociais é de grande valia para o avanço cauteloso de suas investigações. O que ora relatamos são algumas das reflexões sobre a dinâmica da produção de conhecimentos, onde a epistemologia interdisciplinariedade pode orientar-nos. Não se pretendeu esgotar as discussões, mas pretende-se alimentá-la. Afinal, a produção de conhecimentos é que propiciará autoconhecimento e conhecimento do mundo no qual nos inserimos. E haja conhecimentos para analisar os complexos acontecimentos das sociedades contemporâneas. Esta é talvez uma das mais nobres razões do ofício do pesquisador social.

Referências:

CIAMPA, Antonio da Costa. **A identidade social e suas relações com a ideologia**, 1977, 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley, **Psicologia Social**. O homem em movimento. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.58-75.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severino**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. **Interações Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.III, n.6, p.87-101, jul. de. 1998.

CIAMPA, Antonio da Costa. **Identidade: um paradigma para a psicologia social?** São Paulo, 1999. Mimeografado.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

FARR, Robert. **As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LANE, Silvia T. Maurer **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEDRO, Wilson José Alves. **Identidade masculina**. Uma abordagem psicossocial, 1997, 173 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PEDRO, Wilson José Alves **Homens em metamorfose**. A identidade masculina na contemporaneidade. Taubaté-SP: Vogal, 1998.

PEDRO, Wilson José Alves. **Metamorfoses masculinas: significados objetivos e subjetivos**. Uma reflexão psicossocial na perspectiva da identidade humana, 2002, 243 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PEDRO, Wilson José Alves. O estudo da identidade no âmbito da psicologia social brasileira. **Revista Uniara**, v.16, p.1098-1116, 2005.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1994.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 8. ed. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p.7-72.

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo realizar algumas reflexões sobre a categoria identidade através de uma perspectiva interdisciplinar. A partir das discussões sobre Identidade na perspectiva desenvolvida pela Psicologia Social Brasileira Contemporânea, apontam-se características e a emergência de preocupações interdisciplinares. Nesta tendência, a Psicologia Social, Ciência Social, desde seus primórdios, desenvolve-se a partir da necessidade de explicar o comportamento social, à medida que a sociedade foi se tornando mais complexa e heterogênea. Sua preocupação chave continua sendo como compreender e relacionar indivíduo-sociedade. Analisam-se algumas das contribuições de pensadores contemporâneos – Woodward e Sousa Santos.

Palavras-chave:

Produção de Conhecimento, Identidade, Interdisciplinaridade.